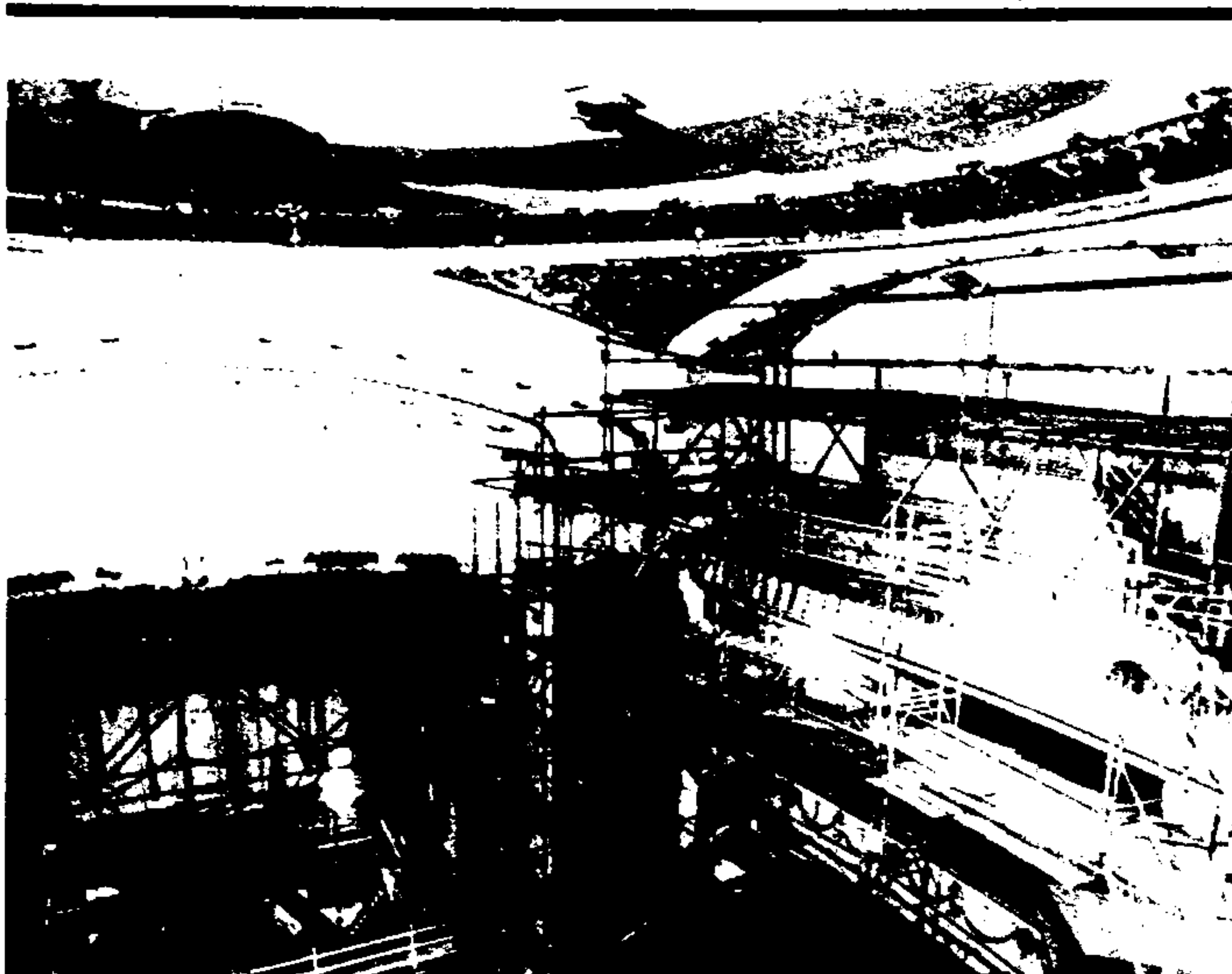




mentos de cenotécnica (varas de iluminação).



Sala de espetáculos ainda no período de obras, vendo-se à esquerda a boca de cena, no alto a platéia superior e à direita, mais embaixo, a galeria.

forço ao piso térreo interno. Para eles também foram reservados locais apropriados na platéia, bem como sanitários especiais foram construídos.

Ainda em relação à ala nobre, devem ser destacadas as obras de arte mais significativas do Municipal, que foram restauradas pela Prefeitura: a estátua "Diana Caçadora", executada por Vitor Brecheret; os mosaicos venezianos do italiano D'Agnesi Cav. D'Angelo "Ouro do Reno" e "A Cavalgada das Walkyrias", as esculturas em bronze do artista francês Thiebaut Frères, os vitrais executados pelo artista alemão Conrado Sorge-nicht, todos localizados no saguão e vestibulo de entrada do teatro.

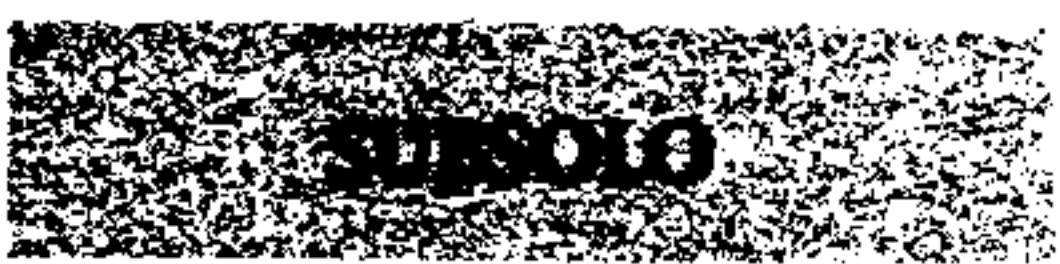


O setor de camarins do Municipal foi o que teve projeto de reforma mais radical, recebendo profundas modificações, de caráter modernizador, visando principalmente a dotá-lo das condições de conforto e funcionalidade aptas a receber mesmo a mais exigente companhia de ópera do mundo. Assim, internamente, não houve a menor preocupação de restauração ou preservação, até porque a reforma de 1954 já havia optado por demolir literalmente todo o setor para construir um completamente novo.

Naquela oportunidade, a intervenção foi tão grande que os quatro pavimentos originais foram derrubados para propiciar a redivisão do espaço em sete andares. Esse fato, aliado ao estado de completa deterioração em que se encontrava antes da atual reforma, levou os arquitetos a desenvolver um projeto absolutamente novo e de padrão estético decididamente contemporâneo. Foram, então, mantidas apenas as paredes e lajes — e todo o restante foi substituído por novas instalações, com materiais mais duráveis e de mais fácil manutenção. Para os arquitetos, esse foi o setor que permitiu maior liberdade para recriação dos espaços — e até mesmo a área que marcará, para o futuro, todo o trabalho que ora se realiza.

Com pisos de material sintético (Formipiso) trabalhados em composições contrastantes — preto e branco — diferentes para cada camarim, eles conseguiram obter efeitos os mais surpreendentes e agradáveis. Bancadas de granito, executadas com grande esmero, e metais cromados, boxes

de vidro temperado e laminados plásticos nas paredes compõem os ambientes — sempre de linhas limpas e arroçadas.



Remodelado e redimensionado, o subsolo certamente constituirá um atrativo a mais no Teatro Municipal. Originalmente, esse setor servia, em sua maior parte, apenas como uma espécie de duto de ventilação, nem mesmo possibilitava acesso a todo seu espaço. Na realidade, apenas uma pequena área era utilizada — e assim mesmo somente como quarto de despejo. O restante sempre esteve semiaterrado, o que deixava um espaço vertical de pouco mais de um metro.

A reforma representou praticamente a redescoberta do subsolo. Retirada toda a terra sob a qual esteve oculto desde sua construção, o espaço que se revelou é de uma beleza singular. Sobre bases de granito bruto, erguem-se arcos cuidadosamente executados em tijolo aparente, que se sucedem e se entrelaçam em abóbadas que formam toda a cobertura — e criam um ambiente absolutamente especial, algo semelhante a uma grande adega ou porão de castelos europeus antigos.

Com o aproveitamento de toda essa área que não vinha sendo utilizada — cerca de 600m<sup>2</sup> —, o Municipal vai ganhar agora um salão de exposições, com um bar anexo. Aliás, uma mostra organizada por uma historiadora do Departamento do Patrimônio Histórico inaugurará esse espaço no dia 16 de julho, apresentando fotos e documentos sobre todos os passos do trabalho de reforma do teatro.

Mas não apenas o salão e o bar compõem a destinação do subsolo. Parte dele vai atender à infraestrutura de serviços do Municipal, com a instalação de lavanderia, enfermaria, vestiários e refeitórios de funcionários, sanitários e sala para serviços administrativos. Além disso ele acomoda uma caixa d'água de 140 mil litros de capacidade, que faz parte do moderníssimo sistema de combate a incêndio instalado em todo o prédio — dotado de sensores e aspergidores de água automáticos ("sprinklers"), além de todos os outros equipamentos convencionais.

Para valorizar todo o ambiente, cada detalhe foi minuciosamente estudado. Os pontos de luz e as toma-

das de energia, por exemplo, foram projetados um a um, de forma a interferir o mínimo possível, sob o aspecto visual, na arquitetura original. O piso é todo de granito, integrando-se às bases da estrutura e completando, com perfeita sintonia, a ambientação do local.



Com a reforma, o Municipal também passará a contar com salas especiais para ensaio, tanto para a Orquestra Sinfônica Municipal como para os corais — Lírico e Paulistano. A sala de ensaios da Orquestra e do Coral Lírico ficará localizada no grande salão que existe sobre o forro da platéia, formado pela cúpula do teatro. Esse espaço está recebendo reforço estrutural e preparação acústica para atender a essas novas finalidades. Outras salas de ensaio foram criadas, no setor de camarins, para uso do Coral Paulistano, de naipes da Orquestra Sinfônica Municipal e de grupos de música de câmara.



Não apenas o prédio do teatro compõe a totalidade da obra de recuperação do Municipal. É significativo para que ele readquirira sua expressão original no contexto urbano, segundo os arquitetos, que se recomponha — o quanto for possível — a relação espacial do teatro com o entorno. Isso inclui não apenas detalhes arquitetônicos externos, como luminárias e reconstituição do projeto paisagístico original da Praça Ramos de Azevedo, mas até mesmo alterações no tráfego de veículos na área, para consolidação do restauro — no caso, implantação de tráfego seletivo, com permissão para passagem de apenas duas linhas de trólebus, ao lado do teatro.

Nesse tratamento do entorno, serão realinhadas as calçadas, o que reduzirá a largura do calçadão defronte ao Municipal. Segundo os arquitetos, essa providência dará uma sensação de "desafogo" espacial. Toda essa área, inclusive a calha viária que será mantida, receberá revestimento especial com mosaico português. A calçada do teatro será ampliada, com aplicação de granito. O aspecto dos edifícios vizinhos também se insere no conjunto do projeto de revaloriza-

ção de toda a área que envolve o Municipal. Para tanto, os técnicos da Prefeitura estão mantendo contato com os proprietários dos prédios da área para estabelecer padrões de publicidade que não interfiram de maneira negativa no conjunto arquitetônico que formam com o teatro.

A fachada do Municipal não estará concluída para a inauguração de 16 de julho. E o motivo principal serve até para mostrar o grau de seriedade com que o trabalho de restauro está sendo encarado: a recuperação de toda a parte externa depende em grande medida do arenito que é produzido por uma mina de Sorocaba, que no momento se encontra interdita. A Prefeitura aguarda a sua reabertura para realizar o serviço dentro das especificações a que se propôs.

A iluminação é outro ponto de destaque na valorização da fachada do teatro, tanto a externa quanto a interna. Isso porque, para maior fidelidade ao que era originalmente, ele não terá iluminação com holofotes voltados para as paredes, como é comumente usado em monumentos. Assim, toda a área fronteira receberá postes com luminárias antigas, iguais às que compunham originalmente a ambientação do local. Internamente, o teatro ficará à noite com suas luzes acesas, de forma que, do lado de fora, suas janelas e vitrais fiquem valorizados, bem como o edifício em sua totalidade. Com todas essas providências, os arquitetos responsáveis pelo projeto afirmam que será possível devolver traços históricos de todo o espaço onde o Municipal está instalado.



Ao contrário do que inicialmente era previsto, e descontado o verdadeiro "merchandising" que se fez na época sobre a destinação de recursos oriundos do Governo Federal, do Governo do Estado e da Fundação Roberto Marinho, a realidade é que só a Prefeitura assumiu a responsabilidade de custear a obra. A falência do Plano Cruzado incumbiu-se de tornar letra morta as boas intenções firmadas num protocolo assinado pelas quatro partes — mas o Prefeito Jânio Quadros, mesmo com todas as condições adversas, resolveu tomar a si, integralmente, a responsabilidade pela empreitada.

E tanto isso é verdade que dos US\$ 22 milhões que foram aplicados